



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/08/2015 a 27/08/2015

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUI e aluna do Tecnólogo em Processos Gerenciais - UNIJUI.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>21/08/2015</b>	9,05	326,90	27,36	4,99	3,65
<b>24/08/2015</b>	8,92	326,40	26,55	5,03	3,68
<b>25/08/2015</b>	8,94	327,60	26,82	4,95	3,65
<b>26/08/2015</b>	8,77	324,40	26,12	4,89	3,61
<b>27/08/2015</b>	8,86	322,90	26,89	4,84	3,63
<b>Média</b>	<b>8,91</b>	<b>325,64</b>	<b>26,75</b>	<b>4,94</b>	<b>3,64</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais\* (compra e venda)  
no mercado de lotes brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	<b>Média</b>	<b>Var. % relação média anterior</b>
RS - Passo Fundo	75,30	0,94
RS - Santa Rosa	74,90	1,22
RS - Ijuí	74,90	1,22
PR - Cascavel	72,70	0,69
MT - Rondonópolis	67,36	5,09
MS - Ponta Porá	67,35	1,28
GO - Rio Verde (CIF)	63,40	-1,25
BA - Barreiras (CIF)	68,45	1,63
<b>MILHO</b>		
Argentina (FOB)**	161,60	2,41
Paraguai (FOB)**	99,70	-2,73
Paraguai (CIF)**	125,80	0,32
RS - Erechim	29,50	2,79
SC - Chapecó	28,00	0,00
PR - Cascavel	25,00	1,21
PR - Maringá	24,85	0,20
MT - Rondonópolis	19,95	5,28
MS - Dourados	21,50	3,12
SP - Mogiana	25,10	0,40
SP - Campinas (CIF)	28,22	0,64
GO - Goiânia	23,20	2,65
MG - Uberlândia	25,25	1,20
<b>TRIGO</b>		
RS - Carazinho	625,00	0,00
RS - Santa Rosa	625,00	0,00
PR - Maringá	700,00	0,00
PR - Cascavel	675,00	0,00

\*Período entre 21/08/2015 a 27/08/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 27/08/2015**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	24,28	66,63	30,17

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
27/08/2015**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	34,04
Feijão (saco 60 Kg)	116,11
Sorgo (saco 60 Kg)	20,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,08
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,86
Boi gordo (Kg vivo)*	4,98

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, nesta última semana de agosto, voltaram a recuar fortemente. O primeiro mês cotado fechou o dia 27/08 em US\$ 8,86/bushel, após US\$ 8,77 na véspera. Para maio/16, mês que baliza a comercialização da safra brasileira, o bushel ficou em US\$ 8,88.

Na prática, diante de um clima favorável nos EUA e de uma colheita que se aproxima, somado ao fato de que a crise na China piorou nestes últimos dias, não há motivos fundamentais para altas em Chicago, salvo movimentos especulativos que levam a ajustes técnicos. Nesse momento, inclusive, o mercado estadunidense está preocupado com a fraca demanda pela sua oleaginosa.

Para completar o quadro negativo aos preços, o crop tour da ProFarmer indicou que junto aos principais Estados produtores estadunidenses a contagem de vagens por planta ficou acima da média. Isso sinaliza uma produtividade média maior do que o até o momento indicado. (cf. Safras & Mercado)

O lado positivo vem, contraditoriamente, da China, que indicou importações de 9,5 milhões de toneladas em julho. Todavia, é bom lembrar que a crise nas bolsas daquele país, a desvalorização de sua moeda e uma constatação de que sua economia enfrenta um grave problema surgiu com ênfase apenas em agosto. Portanto, os próximos cinco meses darão o tom do que poderá ser o mercado chinês no curto e médio prazo. Além disso, em termos gerais, em julho as exportações chinesas recuaram 8,3%, enquanto as importações caíram 8,1% na comparação com o mesmo mês de 2014.

Essa turbulência junto à economia do maior importador mundial de soja obviamente atinge o mercado da oleaginosa.

Enquanto isso, segundo o USDA, até o dia 24/08 as lavouras estadunidenses de soja se mantinham com 63% entre boas a excelentes, 26% regulares e 11% ruins a muito ruins.

Aqui no Brasil, o câmbio continua mantendo os preços elevados para a soja. Durante a semana, devido aos acontecimentos externos e, particularmente, internos a moeda nacional ultrapassou, em alguns momentos a marca de R\$ 3,60 por dólar (nas casas de câmbio a mesma ultrapassou os R\$ 4,00 por dólar).

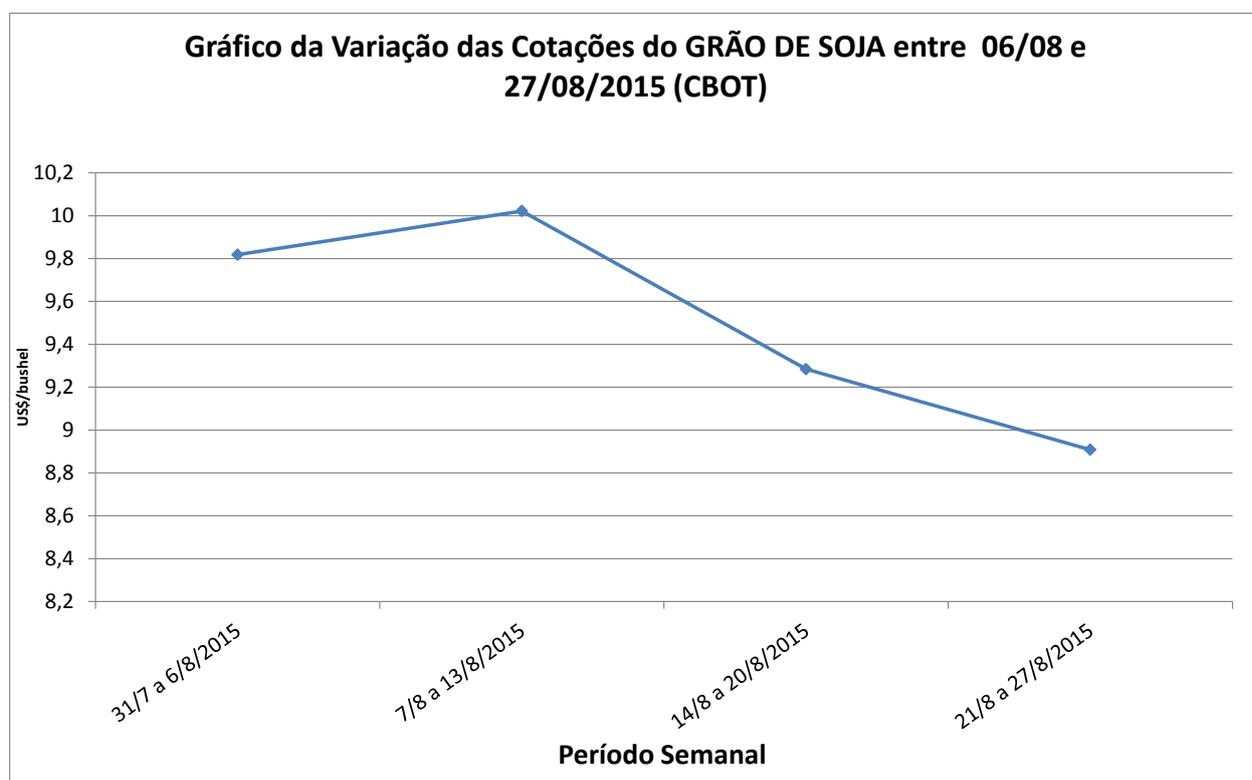
Desta forma, o câmbio vem compensando a forte queda em Chicago. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 66,63/saco, enquanto os lotes registraram valores entre R\$ 75,50 e R\$ 76,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 64,50/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 73,50/saco na região de Pato Branco (PR). A questão chave, para o futuro próximo, será quando o câmbio voltar a patamares normais, o que seria hoje algo entre R\$ 3,00 e R\$ 3,20, já que não há perspectivas, pelo menos por enquanto, de haver reversão na tendência baixista de Chicago.

Nesse sentido, os preços futuros, indicados nas diferentes praças brasileiras, continuam muito interessantes, devendo os produtores se ocuparem de realizar vendas

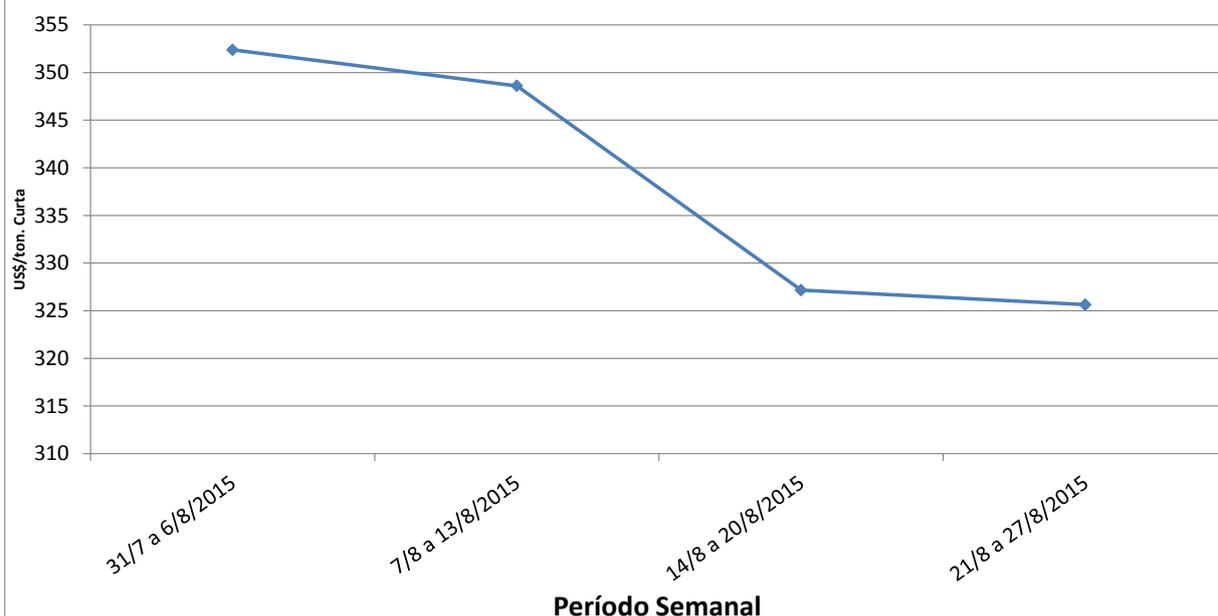
parciais visando uma excelente média de comercialização da nova safra. Sobretudo porque os custos de produção, neste ano, serão muito elevados em função deste câmbio.

Assim, para maio/16, o preço FOB interior gaúcho fechou a semana a R\$ 73,00/saco na compra. Em Paranaguá (porto), para abril, a indicação de preços ficou em R\$ 76,00. No Mato Grosso e Mato Grosso do Sul os valores, para fevereiro/março se mantiveram em R\$ 62,00 e R\$ 64,00/saco respectivamente. Em Goiás e Região de Brasília o saco de soja, para fevereiro/março chegou a R\$ 63,00 no primeiro caso e R\$ 65,00 (para abril) no segundo caso. Uberlândia (MG) atingiu a R\$ 65,00 para abril, enquanto na Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins os valores, para maio, ficaram respectivamente em R\$ 67,00; R\$ 65,00; R\$ 66,00 e R\$ 64,00/saco. Enfim, na BM&F, depois de algum tempo, o saco de hoje voltou a ser cotado abaixo de US\$ 20,00, registrando US\$ 19,35 para setembro e US\$ 19,07 para novembro.

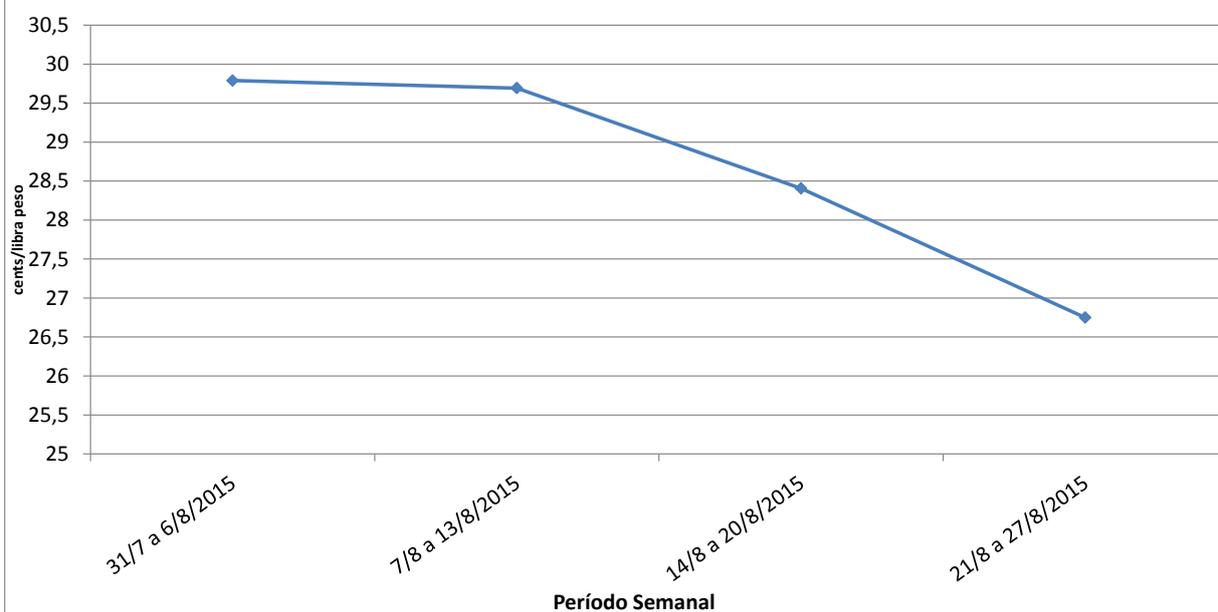
Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 06/08 a 27/08/2015.



**Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 06/08 e 27/08/2015 (CBOT)**



**Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 06/08 e 27/08/2015 (CBOT)**



## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago oscilaram pouco durante a semana, tendo o bushel fechado o dia 27/08 em US\$ 3,63, contra US\$ 3,71 uma semana antes.

O início da colheita do cereal nos EUA, cujo auge se dará a partir de setembro, começa a pressionar o mercado, embora haja certa sustentação em função de um volume que pode ser um pouco menor do que o até agora previsto.

O mercado assimilou com reservas os resultados finais do levantamento feito pela ProFarmer em seu crop tour, os quais indicaram uma produção final de apenas 333,6 milhões de toneladas nos EUA (a reserva se deve ao fato de que historicamente o crop tour aponta números menores do que o USDA e do que realmente ocorre na prática). Por outro lado, as exportações semanais de soja, na semana anterior, ficaram 40% abaixo do mesmo período do ano anterior, registrando 282.700 toneladas para a safra velha e 576.400 toneladas para a safra nova. Soma-se a isso o clima normal previsto até o final de agosto, o que reduz praticamente a zero os riscos de perdas nas lavouras (salvo se ocorrer excesso de chuva na colheita). Além disso, a crise na China igualmente atrapalha o mercado do milho. (cf. Safras & Mercado)

Outro fator que pesou negativamente para o milho foi o forte recuo nos preços do petróleo no mercado mundial. O mesmo atingiu valores abaixo de US\$ 40,00/barril durante a semana. Isso significa que a demanda por etanol de milho nos EUA tende a recuar, elevando os estoques do cereal em grão. Enfim, as condições entre boas a excelentes, relativas às lavouras estadunidenses, permaneceram em 69% do total. Em síntese, o clima durante a colheita, que se inicia, e o ritmo das exportações nos EUA serão a tônica do mercado nas próximas semanas.

Na América do Sul, enquanto a tonelada FOB na Argentina subiu para US\$ 161,00, no Paraguai a mesma voltou a recuar, se estabelecendo em US\$ 99,00 em termos médios.

No Brasil, os preços subiram um pouco mais, puxados pelo câmbio. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 24,28/saco, enquanto os lotes giraram em torno de R\$ 29,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 16,00/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 28,00/saco nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia e Campos Novos.

Existem algumas preocupações com o retorno das chuvas mais fortes neste final de agosto junto aos Estados que têm milho estocado a céu aberto. Isso pode, em caso de prejuízos, ajudar a manter a pressão altista, porém, nos parece ainda uma questão secundária.

Para temperar esse movimento mais firme do mercado temos que as exportações brasileiras em agosto, até o início da última semana do mês, chegavam a apenas 1,4 milhão de toneladas, contra uma expectativa de 3 milhões para o mês. Isso preocupa, pois o país corre o risco de ficar com estoques finais bem mais elevados do que se

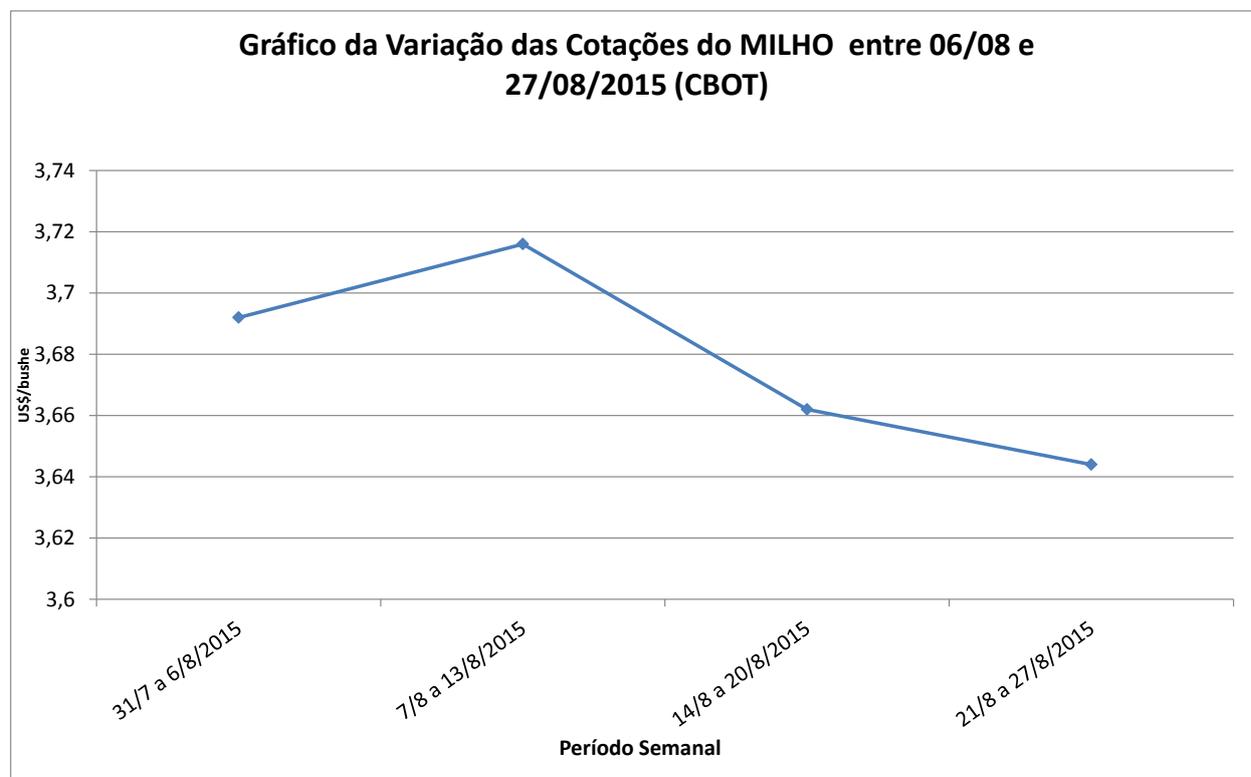
projetava, forçando os preços para baixo a partir da virada do ano, quando a colheita de verão se iniciar.

Por enquanto, é o câmbio o principal elemento que vem dando maior sustentação aos preços do milho. Uma acomodação do Real em níveis mais baixos, o que seria normal, forçaria um recuo nos preços do cereal nacional. Resta saber, nesse sentido, se o Banco Central continuará a intervir no mercado cambial buscando um ajuste nas taxas que atualmente estão extrapoladas.

Pelo sim ou pelo não, a forte desvalorização do Real eleva os preços nos portos nacionais, levando os produtores a reterem o milho na expectativa de preços ainda melhores, pois no momento as commodities brasileiras estão muito competitivas em razão do câmbio. A semana fecha com o referencial Campinas oscilando entre R\$ 28,00 e R\$ 28,50/saco CIF, com poucos negócios no mercado paulista. (cf. Safras & Mercado)

Enfim, as importações, no CIF indústrias brasileiras, ficaram, para agosto, em R\$ 48,62/saco para o produto dos EUA e R\$ 45,22/saco para o produto argentino. Já para setembro o produto argentino atingiu a R\$ 47,62/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores: R\$ 31,48/saco para agosto; R\$ 31,51 para setembro; R\$ 31,73 para outubro; R\$ 31,82 para novembro; R\$ 32,14 para dezembro; R\$ 32,20 para janeiro; e R\$ 32,48/saco para fevereiro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 06/08 a 27/08/2015.



## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago não conseguiram sustentação nesta semana, fechando o dia 27/08 em US\$ 4,84/bushel, após US\$ 5,06 uma semana antes.

No início da semana houve certa sustentação pela fraqueza do dólar, somada a perspectiva de que haveria uma tendência de produção recorde do cereal na União Europeia e Rússia, onde a colheita igualmente se desenvolve.

Na sequência, a forte queda da soja em Chicago e as baixas vendas líquidas estadunidenses de trigo reverteram a pressão altista. Nem mesmo algumas condições adversas às lavouras ainda a serem colhidas nos EUA auxiliaram para manter o bushel em alta. As vendas líquidas estadunidenses de trigo, para o ano 2015/16, iniciado em 1º de junho, ficaram em apenas 314.400 toneladas na semana encerrada em 13/08. Esse volume foi 49% abaixo da média das quatro semanas anteriores. O principal comprador do produto estadunidense foi o Japão com 123.000 toneladas na semana.

Pressionou igualmente o mercado o fato de a China, além de sua crise econômico-financeira se manter forte (a Bolsa de Xangai recuou significativamente nos dias 24 e 25 de agosto, repetindo comportamento de dias anteriores), anunciar que suas importações de trigo, entre janeiro e julho, somaram 1,7 milhão de toneladas, caracterizando um recuo de 37% sobre igual período do ano anterior. (Cf. Safras & Mercado)

Por outro lado, as inspeções de exportação estadunidenses, na semana encerrada em 20/08, somaram 277.992 toneladas, ficando muito aquém das 560.328 toneladas verificadas na semana anterior.

Por sua vez, até o dia 24/08 a colheita do trigo de primavera nos EUA, segundo o USDA, atingia a 75% da área semeada. A mesma está muito acima da média histórica que é de 47% para esta época do ano.

No Mercosul, a tonelada FOB de trigo para exportação continuou nos mesmos patamares das semanas anteriores, variando entre US\$ 190,00 (no Uruguai e Paraguai), até US\$ 200,00 a US\$ 245,00 (nos portos argentinos).

No mercado brasileiro, os preços, confirmando a tendência indicada nas últimas semanas, voltaram a subir. A média gaúcha no balcão atingiu a R\$ 30,17/saco, enquanto os lotes se mantiveram em R\$ 600,00/tonelada, ou seja, R\$ 36,00/saco. No Paraná, os lotes continuaram entre R\$ 650,00 e R\$ 680,00/tonelada (R\$ 39,00 e R\$ 40,80/saco) mesmo com a colheita já atingindo a 5% da área semeada.

No geral, o mercado nacional ainda apresenta redução no volume de negócios, confirmando que o movimento da semana anterior foi excepcional, pois os moinhos ainda possuem bastante estoque de compras anteriores. No Rio Grande do Sul, inclusive, permanece a dificuldade de muitos moinhos para venderem a farinha, fato que reduz a moagem. Por enquanto, a indústria busca trigo das safras anteriores,

desde que com qualidade superior, fato que privilegia o produto de 2013, quando a safra gaúcha foi excelente. (cf. Safras & Mercado)

O trigo já colhido no Paraná (5% da área) tem 1/3 em condições medianas a ruins, enquanto no Rio Grande do Sul as recentes chuvas ajudaram as lavouras, salvo as que foram atingidas por granizo e temporais. Mas continua uma grande incógnita a performance da atual safra gaúcha do cereal em função da enorme variação climática que a mesma sofreu (excesso de chuvas no plantio e período inicial, clima seco e calor de verão posteriormente, muito pouco frio até este final de agosto, e projeções de muita chuva entre setembro e novembro próximos).

Nesse contexto, e diante de um câmbio que desvalorizou o Real para mais de R\$ 3,60 por dólar durante a semana, os compradores nacionais esperam que os preços do cereal possam baixar um pouco no auge da colheita, porém, há um sentimento de recuperação até importante dos preços logo adiante para o produto de qualidade superior caso o câmbio não se normalize. Por enquanto, o trigo dos EUA chega ao Brasil 30% mais caro do que o produto nacional, enquanto o trigo argentino está 25% mais elevado.

Assim, o mercado julga que a possibilidade de recuo nos preços do trigo na atual colheita é bem menor neste ano, porém, não se sabe em que nível tais preços poderão chegar exatamente. Tudo irá depender do volume e, principalmente, da real qualidade da atual colheita nacional.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 06/08 a 27/08/2015.

